

UM DIA DE MEDO

Plínio Carneiro

O córrego era um filete d'água, esvaziado pela ausência de chuvas naquela semana santa — a água escura escorrendo no leito fundo e irregular daquele que no ano passado havia sido o paraíso dos bagres e mandis. O Riacho Tipotã, naquela sexta-feira santa — dia de mula-sem-cabeça — não oferecia esperança de um fim de semana com muito peixe para nós, pescadores de primeira viagem.

Fôra um planejamento perfeito para os feriados: havíamos trazido arroz, farinha, gordura, sal, anzóis, pacotes de cigarro e seis garrafas de cachaça, que todos diziam serem imprescindíveis em pescaria. Zé Valdir, gordo e vermelho; Geraldinho, o galã da turma, topete de Elvis Presley; Márcio, só espinhas no rosto todo — ninguém sabia beber direito, mas todos tinham muito ânimo para aprender.

Nós havíamos chegado de madrugada, carregando o embornal com matalutagem para três dias à beira do melhor córrego de bagre da América Latina, segundo o pai de Zé Valdir, dono do rancho. A manhã havia sido consumida com uma inspeção de reconhecimento e com a arrumação da bagagem e do casebre, um ano abandonado no meio do mato — depois de descer do ônibus na rodovia, andamos numa trilha mais de meia hora até atingir a porteira do sítio. À volta, só o mato fechado, encobrendo o caminho para a civilização.

Era um casebre de pau-a-pique, as portas carunchadas, as paredes mostrando as ripas e o barro duro. Um fedor de coisa mofada dominava tudo. O pai de Zé Valdir passava um ano

sem visitar o lugar, deixando tudo por conta de um casal de velhos, sexagenários que moravam na beira do córrego, sobrevivendo do que plantava e criava. Um galinheiro cercado de ripas de taquara, meia dúzia de galinhas peladas e um galo chocho; a horta, bonita porque sempre regada, fornecia as verduras; um chiqueiro separava o rancho do barraco dos velhos. Um rego trazia a água que nascia numa touceira de bambu para o pequeno tanque de lata, a bica escorrendo sem parar.

Era um rancho caindo aos pedaços, de chão batido e com apenas uma sala, um quarto e uma cozinha. Privada, só se fosse debaixo das bananeiras que rodeavam o casebre, margeando o rego que levava a água fétida do galinheiro para o córrego. Não havia forro e os picumãs caíam das ripas do teto como lágrimas negras. A gente via o céu através dos buracos entre os ramos de sapé que serviam de telhado.

Na sala, uma mesa de tábuas irregulares e três cadeiras de bambu; quatro tarimbas com os colchões soltando o recheio no quarto; na cozinha, apenas o fogão de lenha, feito de adobes, e um armário com as panelas e os pratos de ágata. Ao lado do fogão, um feixe de lenha apodrecida pela umidade, uma trempe rachada e teias de aranha por todo lado, um cheiro de abandono em cada canto. Uma cancela abria-se para o terreiro, onde um pé de cuité dominava o barranco de argila que descia para o córrego.

Mas tudo é festa numa sexta-feira santa, apesar da chuva que começava a cair entre as folhagens da beira do córrego. Uma chuva chata, fria e desagradável, que escorria pela nuca da gente, fazendo com que buscássemos abrigo debaixo da touceira de bambus. E a garrafa de cachaça, bebida estranha para nós, passando de boca em boca, cada um querendo cuspir longe o líquido quente, mas agüentando firme a barra.

O almoço fôra apenas bagre frito, farofa e pão, já que ninguém sabia fazer arroz e todos estavam com nojo da velha, que tinha as mãos escuras, enrugadas, sujas, parecendo garras de morcego. Além disso, ela tinha sumido com o velho, à procura do porco que fugira do chiqueiro. Um almoço que não encheu

o estômago e nem acabou com a tontura que sentíamos por causa do álcool bebido durante toda a manhã.

A tarde fôra consumida em mais pescarias e mais bebedeiras e ninguém tinha ânimo — no primeiro dia e já estávamos desistindo de tudo, a fome apertando, quase todo mundo vomitando as tripas. Márcio havia furado a mão, tentando arrancar os pontudos espetos dos bagres com uma turquesa — esquecera-se do mais cortante, nas costas do peixe. Agora estava queixando-se de dores que começavam no polegar e iam, como uma íngua, até debaixo do braço. Um porco afogado — devia ser o da velha — com as tripas de fora, tinha sido encontrado no pé da pinguela e Zé Valdir, embriagado, pensava ter encontrado um cadáver de gente — ficou cotucando o couro do bicho até que a pele preta, inchada, se abriu, soltando um vapor fétido, um cheiro de fossa que quase nos matou de engulhos.

E a noite chegou naquele fim do mundo, a chuva fininha e caindo sem parar, molhando os ossos da gente. As camas estavam ensopadas, o chão do rancho era lama só, nós sonhando com um banho de chuveiro quente, roupa seca, arroz com feijão, um refrigerante. Tudo sonho: era só bagre e mandí com gosto de terra, farofa seca e ovo frito. E cachaça e mais cachaça, porque nenhum de nós tinha coragem de recusar a garrafa que passava de mão em mão.

O relógio dependurado no batente da porta marcava 11 horas e nós quatro, deitados nas tarimbas úmidas, olhávamos o forro do casebre, conversando sobre assombrações. Ninguém dormia, o vento assobiando entre os buracos do casebre. A chuva havia parado e a luz fraca de uma lua encoberta pelas nuvens formava fios brancos do teto ao chão, entrando pelos buraquinhos do telhado de sapé. Nos focos de luz, a fumaça dos cigarros fazia piruetas e subia para o céu. Cá embaixo, a última garrafa de cachaça teimava em não acabar.

Foi Zé Valdir, bêbado, que primeiro viu a mão no canto do teto, flutuando no halo da lua. Foi Zé Valdir que, com sua voz engrolada, apontou a mão, branca, sem braço, de marfim, balançando no ar. A gente tentava cobrir a cabeça com o cobertor fino e curto enquanto Zé Valdir mostrava a mão, suspensa no

ar. Logo ela ficou visível para todos, o barulho do tremor compassado das tarimbas assustando a gente ainda mais. A mão, branca, brilhante, subia e descia nos fios de luz que vazavam pelo teto e atraíam a fumaça dos cigarros.

Nesse momento, ouvimos o primeiro grito, um silvo fortíssimo, como se alguém tivesse sendo sangrado do lado de fora do rancho. Foi um arrepio tremendo que passou pelo quarto, a gente esquecendo da mão no teto, com medo de chegar à janela. O segundo grito acabou com a embriaguês dos quatro e fez com que levantássemos das camas e chegássemos à janela. Por entre as trepadeiras, nós vimos a velha, caquenta, enrugada, de camisola verde, assentada num toco ao lado do galinheiro. Quem a viu foi Zé Valdir, que ficou com a boca aberta, mostrando para nós o quadro.

A velha e o caseiro, agachados, cortavam a pele do porco morto que havíamos achado no pé da pinguela. Separavam a carne podre, as vísceras, e enchiam uma gamela com muito cuidado. Ao lado, folhas de bananeira apoiadas no chão molhado serviam de mesa para os dois. Mas nenhum comia, só separando os pedaços de pele, de carne, os ossos despregando-se da carne podre, um cheiro insuportável dominando tudo.

O medo já tinha tomado conta da gente e começou a apertar nossa barriga. O vento continuava a soprar em nossas costas, trazendo o cheiro de terra misturada com carniça. A cada grito da velha, seguido de risadinhas compridas, finas, nervosas, a nossa vontade de sumir aumentava. Ninguém falava nada, todos suavam, sem lugar para encostar, os olhos presos no casal de velhos, ele de cuecão amarelo, bufando, com um cachimbinho de saci na boca; ela com uma expressão de louca — uma cena de nojo e de medo. Ao lado dos dois, um burro sem cabeça estava amarrado no mourão da cerca.

O casal embrulhava os pedaços do porco nas folhas de bananeira, colocando os pacotes em um grande balaio, a carne podre escapando por entre as ripas, uma nojeira. O velho, balaio nas costas, carregava tudo para seu quartinho, enquanto a velha continuava descarnando o porco, enfiando os dedos entre as costelas que se desmanchavam no chão.



Beia

Os gritos da velha continuavam em nosso ouvido, varando a madrugada, quase ocultando o barulho de nossos pés no caminho molhado, os quatro correndo pela trilha, os corpos batendo nos galhos das árvores que invadiam o caminho, todos sem coragem de olhar para trás. Ninguém se lembrara de pegar mochilas, matalutagem — fôra uma decisão unânime, silenciosa: sair dali o mais depressa possível, fugir num breu onde não se enxergava nada, só o nariz servia de rumo.

Para trás, o rancho, o casal de velhos, o porco morto — fruto de nossa imaginação como disse depois o pai de Zé Valdir, fruto da cachaçada. Para trás, a visão final da velha, verde e enrugada, levando à boca um pedaço de pele preta de um porco podre.

Tipotã, 1959